

---

## **As fontes de notícias enquanto promotores de notícias: como a estrutura fluida pós-industrial do trabalho jornalístico permitiu que isso acontecesse<sup>1</sup>**

Thalita MASCARELO<sup>2</sup>

Victor GENTILLI<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta um breve panorama sobre as mudanças estruturais do jornalismo e a transformação que isso provoca no trabalho do jornalista e na relação profissional com as fontes de notícias. A construção da proposição do estudo efetivou-se a partir das transições que estão acontecendo no ambiente jornalístico e na crescente capacitação das fontes na produção de conteúdo jornalístico. Buscou-se uma sistematização de pesquisas e análises que remetem à inquietação inicial do estudo: dinâmicas do jornalismo contemporâneo podem estar alterando radicalmente a relação fundamental existente entre o jornalista e a fonte, o que ocasiona, nesta relação de poder, a consolidação do denominado promotor de notícias. O objetivo consiste em discutir eixos de análise que contribuam para a elaboração de novos estudos sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; mudanças estruturais; trabalho do jornalista; fontes de notícias; promotores de notícias.

### **INTRODUÇÃO**

O jornalismo auxilia na conscientização dos indivíduos sobre assuntos públicos pertinentes ao seu exercício como cidadão cumprindo, assim, um papel social. O exercício jornalístico, de forma paralela à vida, conta histórias, por meio de suas editoriais e cadernos, sobre as descobertas da ciência, sobre o mundo do esporte, da educação, da política, da economia, em âmbito local, nacional e internacional (TRAQUINA, 2005). Fundamentalmente, se é importante e/ou interessante à vida em sociedade, o jornal aborda como notícia (TRAQUINA, 2005).

O advento da internet propõe ao jornalismo, assim como a todos os meios de comunicação, uma reavaliação de seu modo de exercitar o trabalho midiático em meio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades do POSCOM-UFES, e-mail: [thalitamld@hotmail.com](mailto:thalitamld@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo e do Mestrado do POSCOM-UFES, e-mail: [vgentilli@gmail.com](mailto:vgentilli@gmail.com)

ao que Moraes (2013) atribui como crise nesse atual contexto tecnológico que imprime à profissão um imediatismo de informações as quais transformam os jornalistas em imediatistas, incapazes de analisar os fatos antes de publicá-los, pois, para isso, seria necessário tempo. Neste artigo, parte-se do princípio da realidade pós-industrial do jornalismo e como essa construção contemporânea requer novas maneiras de observar, compreender, conceituar e pesquisar a experiência vivida pelos jornalistas na relação com as fontes de notícias, uma vez que o imediatismo da informação interfere, também, nessa básica e indispensável relação profissional.

O mundo do jornalismo está sofrendo alterações. Nos últimos vinte anos, uma irrupção de técnicas, tecnologias e ferramentas surgiram e trouxeram mais emancipação e criação para os jornalistas, mas também para todo o universo da notícia: aos que produzem e aos que passaram a produzir, aos anunciantes e ao público. A transformação que o jornalismo está atravessando possui características radicais provenientes de forças econômicas e tecnológicas que modificam suas estruturas, sendo assim, incapaz de estar inserido em um processo industrial no qual o jornalista operaria (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Esse cenário determina uma nova organização para o trabalho jornalístico. Nessa atual e complexa conjuntura social em rede (CASTELLS, 2016), a qual afeta e modifica diretamente a prática do jornalismo, parece ser cada vez mais incompreensível se referir a um só jornalismo, visto que a realidade profissional manifesta diferentes práticas jornalísticas. Devido à amplificação e à aceleração de novos gêneros, produtos, formatos e serviços jornalísticos é preciso compreender que tais apontamentos contribuem para que diferentes “jornalisms” possam se desenvolver (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

Dentre essas mudanças, vale acentuar a crescente condensação da informação e, sobretudo, a precarização do trabalho dos jornalistas, das redações e o desarranjo de uma carreira fixa e profissional (PINTO, 2000). Nessas circunstâncias, o jornalista atualmente não dispõe de segurança empregatícia, uma vez que o entorno da profissão está em constante fluidez e flexibilização.

É a partir da intenção de compreender o trabalho do jornalista nessa atual conjuntura e sua relação profissional com as fontes de notícias, considerando a complexidade e as contradições desse processo relacional, que nasceu a proposta do artigo. A relevância das fontes de informação na construção da notícia e dentro do

campo jornalístico consiste em uma realidade que precisa ser pensada, discutida e avaliada com criticidade. Schmitz (2011) enuncia esse cenário ao elucidar o papel das fontes como promotores de notícias em uma condição de dependência do jornalista que introduz as fontes nas notícias para obter mais conhecimento, objetividade e credibilidade na matéria jornalística. Dessa forma, propõe-se instigar a reflexão por meio de discussões sobre o trabalho do jornalista, no mundo fluido pós-industrial e imediatista, perante a nova realidade do jornalismo, das fontes de notícias e da sociedade.

## **JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL**

O momento vigente desafia pesquisadores a compreender, identificar e caracterizar as transformações que estão ocorrendo no trabalho jornalístico. A lógica da industrialização não é mais hegemônica, o presente requer uma observação maior no simbolismo, na fluidez das estruturas e das relações.

O fato é que o jornalismo está em mudança e nada se assemelha àquele praticado nos primórdios da imprensa no Brasil – atualmente é produzido sem romantismo, sem boemia, já não há também militância ou ideais libertários (ADGHIRNI, 2005). O cerne das empresas jornalísticas em um cenário de realidade fluida está em consonância com o processo mercadológico de produção de notícias. Em decorrência disso, o papel social do jornalismo também é reavaliado neste século XXI, pois esse caráter comercial tende a não atender mais a uma média de público alvo idealizado, mas a um específico consumidor de jornal personalizado com produtos customizados (FIGARO, 2014).

Na era industrial, o jornalista exercia um trabalho definido por um produto: como um repórter, como um editor, como um colunista, etc. A partir do momento em que há fechamentos ininterruptos e quando a unidade do jornalismo, ou seja, a notícia é contestada recorrentemente, o que o jornalista faz passa a depender do público que consome a informação e do desdobrar dos acontecimentos (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). O jornalismo já não é mais uma atividade que exige um maquinismo industrial que fabrica um produto final fixo, atualmente, esse processo não se sustenta (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). De acordo com Anderson, Bell e Shirky (2013, p.38) “O jornalismo pós-industrial parte do princípio de que instituições atuais irão perder receita e participação de mercado e que, se quiserem manter ou mesmo aumentar

---

sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais.”.

Para compreender o jornalismo na conjuntura pós-industrial é necessário percebê-lo como uma profissão mutável de acordo com o contexto em que se encontra. As mudanças no panorama socioeconômico em paralelo com as inovações e o desenvolvimento tecnológico promoveram mudanças estruturais no processo produtivo da profissão que ocasionam, conseqüentemente, o surgimento de novos formatos para a produção jornalística (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011). O contexto social vigente, dessa forma, opera no campo jornalístico e o modifica; concomitantemente a isso, o jornalismo busca alternativas para se ajustar a essa contemporaneidade indicando uma resposta (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

As mudanças estruturais que estão sendo constatadas no exercício jornalístico requerem essa significação, uma vez que são modificações que reconstróem o jornalismo apoiado na participação de distintos atores sociais: indivíduos, instituições, conceitos, etc. (PEREIRA, 2010). A estrutura do jornalismo experimenta uma mudança suficientemente abrangente e profunda que altera radicalmente o modo de se praticar e, simbolicamente, de se reconhecer a atividade pelos agentes (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011). É maior que determinadas mudanças conjunturais ou de micro inovações que, geralmente, afetam somente especificidades de uma profissão, o que acontece no âmbito jornalístico provoca uma crise generalizada nas empresas de comunicação – a partir do surgimento de uma nova mídia, como a internet, - que se apresenta como potencialmente capaz de transformar profundamente a prática do jornalismo (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

Emerge, dessa forma, como um desafio para o campo do jornalismo, um processo de transformação em diferentes esferas da profissão, o que ocasiona alterações, por exemplo, em relação à produção da notícia e às condições de trabalho.

O processo de mudança na produção da notícia passa pela questão da perenidade do produto (ADGHIRNI; PEREIRA 2011). Devido à quantidade de novas informações existentes a todo o instante nas redes comunicacionais dos indivíduos, o jornal passa a envelhecer mais rápido, a notícia de ontem se torna muito mais antiga do que de fato é. Não há mais horário de fechamento para as mídias, as publicações devem ser feitas à medida que os fatos vão acontecendo (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011). Em relação às condições de trabalho, atualmente, acontece de forma mais precária, fragmentada e em

---

rede, em oposição ao que anteriormente existia como padrão, por meio de instituições formais que ofereciam condições de trabalho altamente constituídas (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

Deuze e Witschge (2016) destacam tendências sobre o modelo atual de jornalismo, como a reorganização dos ambientes de trabalho, a fragmentação das redações, e a onipresença das tecnologias midiáticas que indicam um movimento, para o profissional, de mais proatividade individual que institucional. O jornalismo pós-industrial constitui, portanto, para o jornalista, um contexto de permanente transitoriedade, com constantes mudanças de colegas de trabalho, de carreira profissional, de rotina no emprego. Está em progresso um novo modo de executar jornalismo, o que obriga à profissão o desenvolvimento de novas técnicas, de novas disposições organizacionais ao mesmo tempo em que velhas e tradicionais rotinas persistem (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

Esse período histórico contemporâneo possui como respaldo o desenvolvimento dessas novas técnicas e tecnologias da comunicação em uma convergência digital que modifica aspectos estruturais do trabalho jornalístico. Tais recursos técnicos ampliam as relações comunicacionais e, sobretudo, amplificam a discussão moderna sobre espaço-tempo (FIGARO, 2014). Nesse momento atual de sociedade global em rede, vive-se em meio a um tempo instrumental e um espaço de fluxos comprimido, sendo o poder dessa sociedade em rede o poder da comunicação, o que gera um descontrole da gerência do fluxo de informação que, com a Era Digital, traz a sensação do fim de um monopólio dos meios de comunicação de massa e a ilusão de uma autoinformação sem precedentes. (CASTELLS, 2016).

Essas circunstâncias compelem o jornalista profissional do século XXI a ir além do jornalismo, pois a realidade do trabalho inseguro, do salário limitado, da desconfiança emergente do público e do tempo de trabalho imprevisível, exige do jornalista ir além, reinventar-se, comprometer-se ainda mais (DEUZE; WITSCHGE, 2016). Essa disputa de lógicas, de interesses e de visões no campo jornalístico coloca a qualidade do produto-notícia em risco, além de muitos jornalistas optarem por outros percursos profissionais, como assessorias, relações públicas, entre outras áreas da comunicação. Os jornalistas que permanecem e as empresas jornalísticas são, permanentemente, contestados em relação ao seu trabalho, por isso, alcançar a qualidade por excelência no jornalismo é visto como uma luta constante, sendo assim, uma conquista que se vence ou se perde (PINTO, 2000).

---

Em suma, a conjuntura atual ainda é incerteza, entretanto, a realidade contemporânea fez com que surgisse um olhar diferenciado sob o jornalismo e suas práticas. Processos como a multiplicação de perfis profissionais atuantes na área, de produtos e conteúdo; os novos jornalismo, como o multimídia, que têm se colocado em paralelo às mídias historicamente consolidadas; a denominada crise das empresas de comunicação, o redirecionamento da relação com as fontes e com a sociedade; o uso de novas tecnologias e da redefinição das redações (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011) demonstram o surgimento da necessidade de novos olhares críticos ao jornalismo.

Esse contexto, de forma inexorável, remete à discussão sobre a extinção dos jornais tradicionais impressos. Adghirni e Pereira (2011) acreditam ser precipitado tratar os jornais como condenados à extinção ou que poderão ser substituídos pelas novas plataformas de notícias, no entanto, não há como questionar que estão em progresso entre os leitores novos hábitos de leitura e consumo de informações noticiosas, mesmo entre os leitores mais assíduos dos jornais tradicionais.

As novas dinâmicas jornalísticas em vigor estão em aberto para discussões, reflexões e apontamento de direções, pois embora haja empenho de pesquisadores no entendimento atual do cenário que está sendo apresentado, ainda existem dúvidas em relação à reorganização do campo jornalístico. Os próprios atores sociais – jornalistas, fontes, empresários, públicos, anunciantes, etc. – parecem estar ainda em um processo de negociações e concordâncias sobre como reconfigurar a prática jornalística nos próximos anos, nesse novo cenário de inovações (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

## **O DESAFIADOR TRABALHO DO JORNALISTA**

Os jornalistas são os agentes responsáveis por prestar um serviço público que auxilia no alerta, na denúncia, na conscientização sobre fatos de interesse social que afetam o cotidiano dos cidadãos. A profissão enfrenta um alto nível de pressão no que diz respeito aos valores do jornalismo, como objetividade, veracidade e autonomia, além de outras características validadas como inerentes ao trabalho jornalístico, por exemplo, senso de ética, validade e legitimidade, sendo tais valores e atributos árduos de seguir diante do cenário atual, veloz e imediatista (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

Outros aspectos próprios do mundo fluido e flexível atual também corroboram nas mudanças no trabalho do jornalista. A imposição do desenvolvimento tecnológico e do crescimento de outros setores da comunicação, como a organizacional e a de

---

entretenimento, a mudança radical de uma participação ativa do receptor de forma que a emissão da informação não acontece mais de maneira vertical, mas por meios horizontais, além da progressiva democratização de acesso às mídias condiciona paulatinamente uma pressão no ambiente de trabalho, desse modo, o jornalista se encontra em um momento de indefinição (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

O contexto pós-industrial no universo do jornalista profissional culmina em uma crise de identidade em um momento em que se questiona até a obrigatoriedade de se obter diploma de jornalista (ADGHIRNI, 2005). Na contemporaneidade, o jornalista perdeu a estabilidade de haver um requisito determinado de perfil contratual para a profissão-jornalista. O que é preciso são vários perfis, o desenvolvimento de outras estratégias para permanecer na prática jornalística, por meio da hibridização e da versatilidade, mesmo que de maneira distinta daquela que aprendeu, mesmo que seja uma forma mais amplificada e trabalhosa. Expressar a opinião de que um jornalista é independente, empreendedor ou *freelancer* caracterizam perfis diferentes, contextos ideológicos distintos, competências e particularidades desejáveis dessemelhantes (GROHMANN, 2015).

Uma das grandes dificuldades atuais consiste na questão empregatícia de se manter como jornalista nas empresas. Existe uma forte tendência de encolhimento das redações, de aumento da carga horária de trabalho e de desregulamentação dos contratos trabalhistas (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011) que estão ocasionando desempregos, migração de jornalistas para outros campos da comunicação, a atração por concursos públicos e a redução dos empregos formais na área. Adiciona-se a essas problemáticas, o fato de empresas jornalísticas optarem por substituírem jornalistas veteranos por jornalistas recém-formados, jovens e maleáveis às normas editoriais e salários mais baixos e mais propensos a relativizarem os códigos morais dos jornalistas e da criticidade a favor dos valores mercadológicos em detrimento da qualidade da formação universitária (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011) em decorrência de precisarem de inserção no mercado.

Em consequência a essas mudanças na profissão, o ser jornalista se tornou uma incógnita complexa de definir. Quem são os novos jornalistas no mercado? Diante desse cenário, é importante a valorização das diferentes formas de comprometimento profissional que estão acontecendo por meio de blogs, organizações sociais, sejam quais forem as escolhas de viabilidade profissional (FIGARO, 2014). Embora haja uma

abundância de textos, fotos, áudios e vídeos produzidos e compartilhados, o trabalho do jornalista continua essencial, ainda que de forma distinta, visto que a importância da verificação dos fatos, da interpretação e da capacidade de dar sentido ao que está sendo discutido socialmente permanece como um papel marcante do jornalista (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). A atuação jornalística, dessa forma, continua tendo grande relevância informativa, independentemente de plataformas, estilos e perfis, o jornalista deve continuar na sua busca por credibilidade, veracidade e função social.

A transformação da profissão, portanto, é uma realidade que simboliza um corte colateral na prática jornalística e faz com que o entendimento do trabalho do jornalista precise de outras elucidações, sendo assim, necessário discutir qual definição seria legítima para o momento atual do exercício jornalístico, principalmente quando o princípio que define o jornalista, como um mediador entre a informação e o público, passa a ser questionado nessa atual conjuntura de mudanças estruturais (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

### **A EXPRESSÃO “PROMOTORES DE NOTÍCIAS”**

Molotch e Lester (1993) estão entre os pioneiros a empregarem o conceito de promotor às fontes emissoras, sendo que, para eles, o fato atravessa três níveis: primeiramente, a partir dos promotores que objetivam divulgar determinados acontecimentos para os indivíduos, além de impossibilitar outros de alcançarem espaço público; no segundo nível estão os jornalistas que transformam os acontecimentos, recebidos do material enviado pelos promotores, em notícias; e o último nível são os cidadãos que obtêm a informação dos fatos através dos meios de comunicação.

A prática profissional entre jornalistas e fontes ocorre através de negociações, no entanto, o momento atual reivindica um olhar mais analítico sobre essa relação e suas modificações. Os jornalistas (*news assemblers*) elaboram as notícias, embora, em paralelo, sejam pressionados pelas fontes (*news promoters*) a modificar determinados aspectos da notícia ou concordar em publicar notícias produzidas por elas, principalmente quando difundidas no enquadramento (*frame*) de interesse da sociedade (SCHMITZ, 2011). Os denominados promotores de notícias passaram a ingerir decisivamente no processo jornalístico convertendo-se também em produtores de conteúdos, o que assegura seu espaço e poder de interferir no meio noticioso (SCHMITZ, 2011). O envolvimento de modo persuasivo das fontes nas matérias



jornalísticas modifica radicalmente o olhar sobre os fatos convertidos em notícias, uma vez que a opinião da fonte pode estar direta ou indiretamente exposta convenientemente de acordo com seus próprios interesses, fazendo com que a notícia divulgada apresente mais características de publicidade em detrimento da informação que de fato tenha interesse público.

Outros autores utilizam diferentes nomenclaturas para definir esse desenvolvimento das fontes de notícias em uma espécie de imprensa institucional que promove acontecimentos e influenciam diretamente a agenda jornalística e pública. Adghirni (2005) denomina de “fornecedores de notícias” esse novo modelo informativo que passa a disputar a mediação da informação com os jornalistas; e Sant’anna (2005) intitula de “mídia de fontes” e também utiliza a expressão “jornalismo de influência” para designar as agências de notícias que se especializam na preparação e difusão para as mídias tradicionais de informação em formato de *releases* que são divulgados de imediato nas mídias, pois apresentam conteúdo gratuito e adequado que, na atual realidade estrutural das redações jornalísticas tradicionais, são produtos de grande aceitação por parcela da mídia tradicional.

## **UMA RELAÇÃO DE PODER**

Difícilmente matérias jornalísticas são produzidas somente a partir das observações do jornalista. Na construção das notícias e na busca histórica pela credibilidade e objetividade, os jornalistas procuram informações de fontes, sejam elas instituições ou pessoas que possam esclarecer um assunto e/ou que testemunharam determinado acontecimento. O paradigma das notícias jornalísticas como uma construção social, incorpora-se na história por meio de duas teorias: estruturalista e interacionista. Para ambas, afirma Traquina (2004, p.173), “[...] as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização.”.

O estudo das fontes descontextualizada da ordem organizacional do jornalismo não é possível. A escolha das fontes, pelos jornalistas, está incluída dentro de um sistema que compõe o processo de produção da notícia (DALMASO, 2002). As fontes podem ser pessoas físicas, instituições, documentos, dados. Todas as fontes representam uma posição, interesses e pontos de vistas, sejam as fontes escolhidas pelos jornalistas,

---

sejam aquelas que procuram os jornalistas, todas exercem suas funções a partir de estratégias, táticas com objetivos profissionais (PINTO, 2000).

Nesse âmbito relacional, com frequência, ocorre o que Lage (2003) denomina de conflitos de relevância, isto é, quando estratégias destoantes são traçadas sobre o que deve ser informado ao público, em um embate entre jornalista e fonte em relação a quem irá exercer o poder de fala no jornal.

O poder acontece socialmente de forma relacional. Castells (2016) afirma que o poder permite a um ator social influenciar assimetricamente nas decisões de outros atores sociais de maneira que os interesses de quem detém o poder prevaleçam. Nessa relação de poder entre fontes e jornalistas, há uma disputa de lugar, pois os interesses entram em conflito. O jornalista procura preencher uma matéria jornalística com informações de interesse público, enquanto que as fontes, como promotoras de instituições, almejam visibilidade às informações que representam essas instituições, ou seja, correspondem a uma lógica privada, legítima, entretanto, dissonante do interesse jornalístico (PINTO, 2000). Nesse processo, as fontes, progressivamente, profissionalizantes, ao vencerem o embate, adquirem poder significativo frente aos jornalistas e ao público em geral (PINTO, 2000).

O tempo que o jornalista dispõe para a apuração e transformação do fato para notícia é curto, o jornalista está inserido em uma rotina árdua, apesar disso, a pressa não pode significar má apuração (PEREIRA JUNIOR, 2010). O levantamento de informações com as fontes e o rigor da checagem dessas informações estabelece a qualidade da notícia no jornal (PEREIRA JUNIOR, 2010). O fato de determinada fonte de notícia ocupar um cargo de importância na sociedade não significa validar de imediato sua fala em um jornal. Pereira Junior (2010) esclarece que raramente a fala única de uma fonte especializada garante a consistência da informação, na verdade, contribui para que o jornalista se torne submisso àquela fonte ou assessoria, além de desumanizar a informação. É imprescindível o rigor com a informação, uma vez que somente assumir em um jornal a fala de uma fonte oficial expressa, irremediavelmente, o discurso daquela fonte e seus interesses particulares e não do público.

A pesquisa de Zacariotti (2007), cujo objeto foram os principais jornais impressos de Tocantins, mostra que informações disponibilizadas pelas fontes são publicadas na íntegra pelas redações de acordo com o viés e interesses dessas fontes, tornando-as produtoras de notícias. Assim como a pesquisa de Veloso e Marques

(2016), a qual evidencia que as notícias sobre segurança pública no jornal O Povo, de Fortaleza, privilegia a versão das fontes oficiais, sendo assim notória a limitação de abordagens de conteúdo, já que privilegia determinada fala permitindo, apenas, uma visão sobre o assunto. O estudo de Joncew (2005) constatou que o relacionamento desenvolvido pelas fontes com os jornalistas é consciente e de modo cuidadoso, procurando facilitar a conturbada rotina dos repórteres, alguns fornecendo a informação com formato pronto para a imprensa. A pesquisa conclui, também, que os profissionais da imprensa consideram que tal postura imposta pelas fontes seja competência e não uma estratégia interessada para disseminar determinada informação, o que indica a falta de um comportamento mais crítico por parte dos jornalistas no tratamento com as fontes (JONCEW, 2005).

Diante desse panorama, o filósofo Foucault (2014) contribui também na discussão sobre o conceito de poder ao afirmar que o poder está dissolvido nos diversos setores da sociedade através das relações estabelecidas, as quais regulam a vida e controlam a população, sendo, sobretudo, uma relação de força, essencialmente repressiva: reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. Sob essa perspectiva, especialistas consultados por jornalistas adquirem uma força através dos seus discursos científicos, a partir do momento em que a fala das fontes ocupa função principal em reportagens jornalísticas em oposição à fala dos cidadãos que aparecem nas matérias para exemplificar dúvidas e imprecisões sobre o assunto; a relação ali constituída garante a um lado maior força de decisão. Como consequência disso, as fontes de notícias empreendem, nessa relação profissional com os jornalistas, uma ferramenta importante para governos e autoridades, uma vez que as notícias publicadas tendem a sustentar interpretações oficiais (DARDE, 2014), (LEME, DARDE, 2018). Na medida em que as fontes de notícias adquirem o papel de promotores de notícias interferindo, inclusive, no estágio de apuração da notícia, o jornalista se ausenta na procura por notícias, pois, dessa forma, as notícias é que procuram o jornalista.

Na maior parte das matérias jornalísticas, elegem-se como voz atuante fontes de informação oficiais e oficiosas, suprimindo, assim, outras vozes. Está cada vez maior a distância entre as fontes não oficiais e os jornais impressos (DAMALSO, 2000). Os jornalistas estão tomando decisões sobre fontes sem ir às ruas, somente com informações via telefone ou internet, investindo poder às declarações oficiais em detrimento do contato cotidiano com a maioria da população (DAMALSO, 2000).

---

Pereira (2004), Adghirni (2005), Figaro (2014) e Grohmann (2016) também enfatizam essa questão da falta de presença dos jornalistas nas ruas sendo substituída por um computador na sala de redação, por dispositivos móveis, sendo a saída do jornalista da redação um acontecimento no mundo pós-industrial e tecnológico, somente ocorrendo em situações de retorno comercial garantido.

O que está acontecendo na conjuntura atual nas redações é a compilação de informações de uma única instituição, ou especialista, baseadas em sua importância, pelo cargo de poder social ocupado, por ser uma autoridade no assunto, e se esquece de confrontar estas informações, ou simplesmente consultar mais fontes que pensam diferente a esta para compor e enriquecer a notícia (DAMALSO, 2000).

Ainda nessa perspectiva do jornalista sentado que apura informações sem precisar sair das redações, Adghirni e Pereira (2011) alertam que essa atitude, frequentemente, sugere o abandono dos procedimentos de checagem e de respeito ao direito autoral, atitude característica da contemporaneidade e suas facilidades tecnológicas que relativiza a importância da apuração e flexibiliza a própria ética profissional.

A inquietação deste estudo se relaciona justamente a essa situação corriqueira que acontece nas redações que contribuem mais para um desserviço público do que para um bom jornalismo, pois reduz a autonomia do jornalista em transmitir uma informação de mais qualidade social, sendo essa situação rotineira não só no Brasil. De acordo com Sant’Anna (2005), nas redações estadunidenses, 70% dos textos publicados consistem em uma “re-redação” do discurso das fontes oficiais. Dessa maneira, a figura do jornalista se torna dispensável, não cumprindo com o seu papel de transformar conteúdos recebidos em informações que, de fato, auxiliem no exercício da cidadania.

A partir de recentes formações na Comunicação, como a criação de agência de notícias, das assessorias de comunicação e das técnicas de *media training* nas empresas, houve uma crescente profissionalização e qualificação das fontes (DAMALSO, 2000). Além dessa profissionalização das fontes em gestão de imagem e na relação com as mídias (SANT’ANNA, 2009), esse processo relacional indica mais força de poder para os promotores de notícias também devido ao fato de a imprensa, tradicionalmente a figura circunstante dos fatos, ter perdido o amplo domínio do cenário informacional, já que a opinião pública coleta informações de diferentes esferas sociais, como

---

movimentos sociais e empresas que possuem interesses institucionais (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011).

Por conseguinte, no Brasil, assim como já acontece em outros países devido às mudanças estruturais na área jornalística, está havendo a inserção de um novo protagonista que disputa espaço com o jornalista na mediação da informação para a população. As fontes de notícias, mais qualificadas profissionalmente, estão se tornando promotores de notícias, interferindo no processo jornalístico de modo que aconteça uma naturalização desse *modus operandi* no ambiente jornalístico, principalmente em decorrência das dificuldades do trabalho do jornalista, da pressão e do imediatismo na divulgação de matérias.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, discutiu-se como o contexto pós-industrial do trabalho jornalístico enfrenta rupturas variadas, as quais criam consequências que desafiam inclusive a relação profissional entre jornalistas e fontes de notícias. De forma predominante, o jornalismo é trabalhado como um objeto constante e estável, entretanto, a realidade fluida e flexível da profissão, na conjectura atual de modernidade líquida (BAUMAN, 2001), demonstra as significativas mudanças que estabelecem dificuldades em se denominar e conceituar um só jornalismo atuante. A relação jornalista-fonte, no atual cenário, evidencia as dificuldades do jornalista no embate com a fonte de notícia, cada vez mais preparada para utilizar das dificuldades da profissão jornalística ao seu favor, ou da instituição em que trabalha. Nessa relação de poder, a fonte se coloca como sujeito promotor de notícias, interferindo de forma qualificada e profissional no trabalho dos jornalistas.

### **REFERÊNCIAS**

ADGHIRNI, Z. L. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 45-57, 2005.

ADGHIRNI, Z. L.; PEREIRA, F. H. O jornalismo em tempos de mudanças estruturais. **Intexto**, v. q, n. 24, p. 38-57, 2011.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos Tempos **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 5, n. 2, p. 30-89, abr./jun. 2013.

---

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, M. O poder na sociedade em rede. In: **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2016.

DALMASO, Silvana C. **Fontes de informação jornalística: Natureza e implicações**. Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/10784826151394373681621397736620408492.pdf>> Acesso em 17 mai. 2019.

DARDE, V. C. S. Fontes de informação: a luta pelo poder no campo jornalístico. **International Studies on Law and Education CEMOrOc-Feusp /IJI-Univ**, Porto, p. 81-8, 2014.

DEUZE, M; WITSCHGE, T. O Que o Jornalismo está se Tornando. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul/dez, 2016.

FIGARO, R. Jornalismo e Trabalho de Jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. **Revista Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 23-37, jul/dez 2014.

FOUCAULT, M. Genealogia e poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2014.

GROHMANN, R. N. O trabalho do jornalista a partir dos processos comunicacionais e produtivos: di-mensões teóricas em cenário de flexibilização e tensionamentos identitários. **Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 6-18, 2016.

JONCEW, Consuelo Chaves. A participação das fontes formais na qualificação das notícias. **Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.11, n. 2, p.288-291, 2006.

LAGE, Nilson. **Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teoria**. Universidade Federal de Santa Catarina. Extraído da Internet, mar de 2019.

LEME, F A.; DARDE, V W S. O papel de coesão social no jornalismo especializado: Um estudo da relação entre jornalistas segmentados em agronegócio com as fontes de informação. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**. Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 48-66, 2018.

MOLOTCH, H; LESTER, M. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

MORAES, Dênis (Org.). Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? In: **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2013.

PEREIRA, F. H. A produção jornalística na internet e a construção da identidade profissional do webjornalista. Anais do V Congresso Iberoamericano de periodismo en

---

Internet. Salvador, 2004. Disponível em: <  
<http://www.ca.ubi.pt/~webjornalismo/sections.php?op=viewarticle&artid=98>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PEREIRA, F. H. El mundo de los periodistas: aspectos teóricos y metodológicos. **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara, v. 13, p. 101-124, 2010.

PEREIRA, F. H.; LACERDA, A. G.; SANTOS, M. M. M. Rotinas e estratégias dos news promoters na cobertura política nacional: o cotidiano da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República. **Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, Florianópolis, v. 2, n.2, p. 155-165, 2005.

PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2**. Braga, v. 14, p. 277-294, 2000.

SANT'ANNA, F. C. C. M. **Mídia das Fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro. Um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Edições Técnicas do Senado Federal, 2009.

SANT'ANNA, F. C. C. M. **Mídia das Fontes** - o difusor do jornalismo corporativo. Brasília: Casa das Musas, 2005.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VELOSO, R B.; MARQUES, F P J. O jornalismo e as fontes no processo de construção da realidade: um estudo da cobertura sobre segurança pública no jornal “O Povo” entre 2011 e 2013. **Revista Ciberlegenda- RPPG Cinema e Audiovisual**. Rio de Janeiro, n. 34, p. 92-116, 2016.

ZACARIOTTI, M. E. C., et al. Jornalismo de fonte: a fonte enquanto produtora de notícia. Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2017-2.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2019.